

vereadores, como exuberantemente o evidenciou na criação d'este Museu, consagrado nas salas dos seus paços ao nunca assaz perpetuado Infante D. Henrique, — por sem duvida glorioso nucleo de monumento maior, que outros irão pouco a pouco enriquecendo.

Secretaria do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique», Faro, em 27 de Março de 1895.

Monsenhor Conego — PEREIRA BOTO

Notícias várias

1. Sepulturas de Turquel

Lê-se no *D'Alcobaça*, de 4 de junho de 1893:

«No Chão do Gallego, freguesia de Turquel, d'este concelho, e numa terra agricultada denominada o Pinhal, têm sido descobertas sepulturas antigas em numero superior a 100. Póde considerar-se um verdadeiro cemiterio, visto que ellas se succedem quasi unidas.

Explorámos uma d'essas sepulturas que considerámos intacta, e achámos o seguinte: — dois cranios fracturados, um de adulto e outro de creança, ossos largos em maior numero do que os que pertencem aos dois individuos, ausencia quasi completa de ossos curtos.

Não achámos, nem nos consta que tivesse apparecido nas sepulturas exploradas, qualquer caracteristico que possa definir a epocha a que pertencem. Opinamos todavia a que pertencem á idade do bronze, visto que proximo foi explorada uma sepultura que deu claros documentos d'essa idade.

As sepulturas são formadas por quatro lagens calcareas dispostas verticalmente e no sentido perpendicular entre si, formando uma caixa rectangular coberta por uma ou mais lagens».

2. Museu archeologico do «Infante D. Henrique» de Faro

Lê-se no *O Seculo*, de 27 de Janeiro de 1895:

«Os Srs. João de Mello, de Tavira, e João Lucio Pereira, de Olhão, dando cabal prova da illustração que os distingue, acabam de prestar a este Museu valiosissimos serviços, cedendo-lho o primeiro todos os monumentos que possui e os que venha a encontrar na sua quinta de *Torre d'Ares*; o segundo igualmente, em relação á sua quinta de *Marim*.

Na Torre d'Ares ha importantes referencias aos povos balsenses; existem valiosos vestigios de colonias agricolas romanas.

Todas estas joias da historia vae enthesourando monsenhor Pereira Botto neste Museu, que lhe deve o ser, e que s. ex.^a vae ordenando sob o sabio criterio de archeologo consummado.»

3. Museu do Instituto de Coimbra

Lê-se no *Diario de Noticias*, de 23 de Maio de 1895:

«Está passando por uma importante reforma e ampliação o Museu de archeologia do Instituto de Coimbra, fundado ha annos por iniciativa dos socios, já fallecidos, Drs. Filippe Simões, Miguel Osorio Cabral, Ayres de Campos, etc.

O Rev.^{mo} Bispo-Conde já prometteu depositar ali alguns objectos valiosos, que se acham sob a alçada da sua jurisdicção.»

4. As inscripções romanas da Ponte de Chaves

Pessoa das minhas relações informa-me o seguinte:

«As duas célebres inscripções de Chaves estão insculpidas em marcos graniticos, de fórma cylindrica. Fizeram-lhes um pedestal e um capitel, de modo que, quem não repara, julga estar em frente de duas columnas. Uma das columnas sustenta um florão de pedra, e a outra umas armas de Portugal. Ainda não é tudo: a camara municipal levou o vandalismo a ponto de lhes mandar avivar as inscripções por um pedreiro que, sem as indecisões de Hübner, Borges de Figueiredo e outros, tirou as dúvidas da leitura AEBISOC ou NEBISOC, deixando clara a primeira fórma!¹ Estes dois monumentos estão em frente um do outro, a meio da ponte.»

5. Antas do districto de Portalegre

O meu amigo Dr. Mattos Silva, de Ponte-de-Sôr, communica-me:

«A propósito da pergunta que se faz no n.º 3 d-*O Archeologo Português*, dir-lhe-hei que, por informações que me tem sido prestadas

¹ [Para melhor esclarecimento dos leitores, faço aqui uma nota. Numa das inscripções que estão em Chaves lêem-se os nomes de dez povos ibericos dispostos alphabeticamente; como porém entre o nome LIMICI, que começa por L, e o nome QVARQVERNI, que começa por Q, estava nas cópias AEBISOC, Borges de Figueiredo, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1885, pag. 337, sqq., propôs áquella fórma a correccção NEBISOC, suppondo que se havia tomado AE por NE. Esta correccção foi accete pelo Sr. E. Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II (Supplement), n.º 5616 e nos *Monumenta linguae Ibericae*, pag. 236. O nome completo é *Nebisoc(i)*.—J. L. de V.]

por pessoas fidedignas, sei que não só em Flor-da-Rosa, mas também na Aldeia da Mata, Gáfete e Tolosa existem numerosas antas, não havendo memoria de terem ainda sido exploradas.

Na mesma região apparecem igualmente, segundo me dizem, muitos vestígios da civilização romana.»

6. Dolmens da Serra do Barroso

O Sr. Antonio José Mendes, official do nosso exército, teve a bondade de me dar as seguintes noticias:

«Na Serra do Barroso, no sítio denominado Pindo, caminhando-se de Chaves, por Ardães e Arcos, para Mont'Alegre, vêem-se muitos dolmens, mais ou menos distanciados uns dos outros, a 4^m,0 a 20^m,0, etc. Vêem-se alem d'isso, pelo matto, lanços de estradas calçadas com lages mal dispostas, denunciando grande antiguidade; estes lanços, no seu estado actual, são estreitos, não cabendo dois cavalleiros a par.»

7. Inscrição de Benagoiro

Informam-me o seguinte, em carta particular:

«Em Benagoiro, freguesia de Villarinho de Samardã, concelho de Villa-Real, ha uma pedra que está na bôca de uma mina, dentro de uma propriedade que confronta do N. com a estrada, um pouco a cima de uma capella. A pedra tem uma inscrição que me pareceu romana, — vista do alto da mala-posta.»

Se algum leitor pudesse enviar-me cópia, eu muito a agradeceria.

8. Grutas dos arredores de Cintra

O Sr. Antonio Mendes, collecter da Direcção dos Trabalhos Geologicos, deu-me a seguinte informação em Abril p. p.:

«Quando eu explorava as furnas¹ de Cascaes, fui informado por um homem de S. João das Lampas, que existiam ali duas furnas naturaes, muito proximo da dita povoação. São estas furnas denominadas *Covas dos Mouros*.

S. João das Lampas dista de Cintra 9 kilometros, a Norte.

Em Janes, entre Cintra e S. João das Lampas, appareceu uma ossada humana, completa, que está no Museu da Direcção Geologica; parece que por ali haverá muito que ver.»

¹ [I. é, as *grutas prehistoricas*.—Á cêrca d'estas grutas vid. o *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, de 1880, p. 73.—J. L. DE V.]

9. Novas investigações epigraphicas

O signatario d'este artigo fez á Academia das Sciencias de Lisboa, em sessão de 17 de Maio corrente, uma communicação à cêrca das inscripções pre-romanas e romanas ultimamente encontradas no nosso país. Eis aqui um resumo da respectiva acta:

«Referiu-se em primeiro logar aos descobrimentos do Dr. Santos Rocha no Algarve, que consistem numa lapide com caracteres ibericos, e em várias lapides com inscripções romanas; a propósito da primeira fez algumas considerações sobre epigraphia iberica, dizendo que se não deve confundir o alphabeto com a lingua, pois uma lingua póde ser escrita no alphabeto de outra: por exemplo, ha inscripções celticas escritas com caracteres gregos, e o alphabeto latino serve actualmente para transcrever linguas de diversas origens. Fallou de uma inscripção existente no museu de Faro, a qual se refere á republica ou *civitas* de OSSÓNOBA, e é por isso importante. Passando do Algarve ao Alentejo, disse algumas palavras do Museu Municipal de Beja, um dos mais ricos do país, e leu e traduziu uma inscripção romana ultimamente achada em Beja, e que só por si resolve a questão da localização da antiga PAX JULIA, que era em Beja e não em Badajoz¹. Pela sua parte disse ter, numa excursão que fez ultimamente pelo Sul, durante as férias da Paschoa, obtido várias inscripções romanas e da epocha wisigothica, umas em Serpa, outras em Mertola: uma das inscripções de Serpa provém das ruinas de uma povoação romana que visitou nos arredores da villa; as inscripções wisigothicas de Mertola tem importancia para o conhecimento das origens do Christianismo no nosso país². Por fim apresentou á classe o n.º 3, do vol. XII da *Revista de Guimarães*, onde o Sr. Albano Bellino publica várias inscripções romanas de Braga, sendo notavel uma d'ellas por se referir a VALÁBRICA ou VALÁBRIGA, cidade cujo nome já é conhecido por outra inscripção do Minho, e que parece corresponder á fórma VOLÓBRIGA, que vem na *Geographia* de Ptolemeu; esta inscripção é valiosa, não só porque por ella se poderá corrigir o texto ptolemaico³, mas porque

¹ [Esta inscripção foi publicada n-*O Archeologo*, pag. 110.]

² [D'estas inscripções se fallará noutro número d-*O Archeologo*, e nelle se mencionarão os nomes das pessoas que as deram para o Museu Ethnographico.]

³ [Sobre este ponto cfr. F. Martins Sarmiento in *Revista Lusitana*, I, 232; e o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 5661.]

mostra pelo seu lado a influencia dos Celtas no Noroeste da Hispania, por isso que na palavra VALÁBRIGA entra o elemento *-brīga*, que em celtico quer dizer «fortaleza, monte fortificado, *arx*», elemento que entra tambem em CONÍMBRIGA, devendo por isso dizer-se *conimbri-gense* e não *conimbricense*, pois se em antigos textos se lê *Conimbrica*, isso é devido ao costume de ás vezes se escrever C por G.»

J. L. DE V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

Já a pag. 11 d-*O Archeologo Português*, foram publicadas algumas noticias archeologicas, contidas na parte manuscrita do *Diccionario Geographico de Portugal*, do Padre Luis Cardoso.

Começaremos agora publicando as que se encontram na parte impressa, isto é, no tomo I e II, sahidos á luz em 1747-1751. Iremos assim ministrando elementos para o inventario methodico da nossa archeologia.

1. Antigualhas de Abedim (Minho)

«Nesta Freguesia, em hum sitio fronteiro a este, da parte do Norte, ha dous pinaculos quasi sobre si: em hum delles esteve huma torre muito larga de pedra lavrada, segundo della se vê, e dos alicesses, que ainda existem, a qual mandou deitar abaixo um Abbade desta Freguesia. No principio deste pinaculo esta huma caverna de pedras naturaes, capaz de receber dez homens, coberta por cima pela natureza, e com huma fonte dentro, que corre todo o anno: mais acima tem outra concavidade pelo mesmo modo com agua nativa, capaz de receber dentro duzentos homens, à qual se vão seguindo outras concavidades mais pequenas e sem agua: na parte mais elevada estava a torre, fóra da qual se achão huns caixões de tijolo enterrados na superficie da terra; e junto delles huma pedra raza, que tem no meyo huma como sepultura, e nella agua todo o anno; na qual lavando-se os que padecem chagas, ou feridas, se achão logo sãos, e livres de toda a molestia. He muito custoso sobir ao alto aonde a fonte está; e para se ir acima se vay por humas escadinhas, que estão feitas na mesma penha, na qual de huma, e outra parte se divisão humas rasgaduras nas pedras, que parecem ter servido para descanso de